

8- Conclusão

Os conceitos de amigo e inimigo, que estão na raiz da atividade política, são flexíveis; podem ter seu sentido alterado em função da dinâmica das alianças políticas que alteram status de situação e oposição. No caso brasileiro recente, as surpreendentes alianças feitas pelo Partido dos Trabalhadores contribuíram para diluir essa diferenciação e produziram resultados inusitados. Inimigos históricos ou grupos antes incompatíveis passaram a integrar a mesma equipe; amigos novos ou antigos agiram como inimigos trocando ataques públicos. O fenômeno se popularizou sob a denominação de fogo amigo, expressão surgida nos EUA durante a guerra do Vietnã. O conceito de fogo amigo político, contudo, guarda uma diferença conceitual importante em relação ao bélico: na guerra o fogo amigo é sempre resultado de um erro que faz com a artilharia atingir soldados do próprio exército ou aliados, uma espécie de gol contra no futebol. Na política, o rótulo não se refere a erros de tiro; há uma decisão, algumas vezes firme, outras hesitantes, de dirigir um ataque a membros da equipe – seja ela o próprio governo, o partido político ou os partidos da base aliada.

O fogo amigo do governo Lula é como o Partido dos Trabalhadores: diversificado, cheio de tendências com diferentes características e, como o próprio partido, mudou, ampliou seus limites e sua capacidade de admitir práticas antes inaceitáveis. Da expulsão de Heloísa Helena, demonizada por não votar a favor dos projetos do governo, à tolerância com a atitude da ministra Dilma Roussef de chamar de rudimentar o trabalho dos colegas em corpo 70 das manchetes dos principais jornais do país, a capacidade do governo Lula conviver com o fogo amigo cresceu muito. Praticamente, todos os membros importantes do governo lançaram mão do artifício. Ainda que houvesse estilos diferentes de artilharia, as realizações lingüísticas mostraram uma grande regularidade. O objeto de ataque foi concentrado na questão econômica, notadamente na taxa de juros, e fez do ministro Antonio Palocci o principal alvo.

8.1- Lenha na Fogueira

Heloísa Helena fez ataques diretos, mas sempre dirigidos às idéias e propostas do governo, cobrando um compromisso do grupo com o passado. Afinal, colocavam-se em conflito a prática e um discurso de mais de duas décadas. As promessas históricas acabaram abandonadas. A senadora, que afirmou claramente ter dificuldades para fazer críticas pessoais, não citou nomes, mas também não usou estratégias de reparação à face dos colegas do governo. Jamais recuou de uma crítica feita, não se arrependeu e nunca pediu desculpas. Fez suas críticas e discordou baseada em suas convicções e sustentou tal postura com frase de efeitos, dramáticas mas sem intenção de amenizar as ameaças. Perdeu o controle das emoções, chorou em público, mas não mudou o discurso. No fim, reforçou sua face de mulher forte, ética, confiável e, sobretudo, alinhada aos antigos ideais do PT.

José de Alencar, ao contrário, usou e abusou das estratégias. Num estilo mineiro, fez críticas e elogios, negou discordâncias, produziu contradições. De comum com Heloísa Helena, só a razão para o fogo amigo: a própria história de vida e o compromisso com uma luta contra a exploração. O crescimento da taxa de juros colocava em xeque o que Alencar e o PT poderiam ter em comum. Ainda que a posição de vice-presidente fosse um lugar privilegiado para ser ouvido, o fogo amigo de Alencar foi perdendo força. O discurso contra os juros altos transformou-se em cantilena repetitiva. A credibilidade da fonte e a repercussão foram prejudicadas pelo excesso.

Na constelação de estrelas do governo faiscaram brigas por espaço, por autoridade. Em muitos casos, a cooperação com a representação da equipe foi posta em segundo plano, porque a participação do governo e, sobretudo o espaço na mídia, é a grande oportunidade de construir face para conquistar mais cargos e poder no futuro. Carlos Lessa não aceitou a autoridade de Furlan, fez ameaças à face do chefe e sentiu-se dono de um poder adicional, por ter sido nomeado na cota do próprio presidente Lula e não de algum partido. Agindo como se estivesse acima da equipe, criticou a política econômica, Palocci e Meirelles, mas usou algumas estratégias de reparação. José Dirceu preferiu os bastidores. O poder que emanava da soma de seu cargo e sua identidade já foi suficiente para dar peso à suas ameaças. O país inteiro sabia de sua discordância e disputa de poder com Palocci, mas durante muito tempo, as únicas críticas ouvidas diretamente da sua boca partiram de um evento que ele pensava ser fechado para o PT. Com o passar do tempo, Dirceu, assim como o resto

do governo, relaxou e fez alguns ataques mais públicos. Sempre, porém, com a estratégia de enfatizar a importância da equipe e dizer que apesar de sua opinião pessoal, era um ministro do Lula, seguiria o que fosse determinado pelo governo.

Guido Mantega é umas das figuras mais fascinantes do governo como objeto de análise lingüística. E o mais interessante: à primeira vista não parecia ser. Ministro do Planejamento foi o equilíbrio em pessoa: defendeu a política econômica – ainda que tivesse questionamentos a ela – e manteve o silêncio até quando foi chamado de vagabundo. No BNDES, vestiu a camisa do setor produtivo e disparou críticas aos juros altos. De volta ao ministério, dessa vez na Fazenda, assumiu nova face ou “mudou de figurino”, como ele próprio definiu. Mas escorregou ao fazer avaliações diferentes das produzidas pelo Banco Central. Ao ter as orelhas puxadas por Lula, reparou as críticas com elogios ao BC.

O fogo amigo de Furlan é racional, matemático, nada emotivo. Ele usa do linguajar técnico para dissimular suas críticas, recheadas de dados, números, cifras. Faz atos de ameaça à face sem nomear ninguém, o que não impede que os alvos sejam e se sintam atingidos. Em alguns casos específicos, opta pela estratégia de não realizar a ameaça, diz que não entende do assunto. Um exemplo foi sua recusa a opinar sobre a possível reeleição de Lula. Parecia nem fazer parte da equipe política. E nesse caso, ao dizer que não entende de um assunto – política – no qual está envolvido, acabou produzindo um tipo de ameaça. A implicatura de sua fala é que está evitando expressar sua opinião, porque ela não é a que se espera de um membro de equipe.

O Partido do Trabalhadores, personalizado nesse estudo na figura do seu presidente, Ricardo Berzoini, faz um fogo amigo mais político, mais preocupado em construir uma face para si. O PT está num momento de completa crise de identidade. Seu governo está conduzindo a economia de forma diferente daquilo que pregou durante 25 anos. O partido está naquela “confusão” de que fala Goffman (1967) para se referir ao que acontece quando a pessoa altera radicalmente sua face. Há uma confusão porque os outros terão se preparado e se comprometido com ações que deixaram de ser apropriadas. Assim, o fogo amigo do PT é feito junto com um trabalho de construção de uma face de autonomia em relação ao governo. Há uma tentativa de resgatar uma imagem do passado e dizer não mudamos tanto assim, não. Ao mesmo tempo, Berzoini e o comando do partido não querem romper com governo, o que lhe obriga a usar o fogo amigo para iluminar a própria imagem, sem queimar muito a do governo a que pertence. Isso explica a preferência por estratégias protetoras como a

quebra da máxima de qualidade (afirmações sabidamente não sinceras), a contradição, a negação da crítica feita.

Roberto Jefferson é um caso singular. Como presidente de um partido da base aliada integra a equipe do governo Lula, mas quando começa a disparar seus ataques já se considera fora dela, já assumiu a condição de *off group*. Jefferson estava acuado e decidiu explodir a equipe, como atitude desesperada para salvar a própria face, visto que a representação em curso tomou um rumo que o deixou na face errada, no papel de corrupto. Ele então decidiu mudar todo o roteiro e colocar a máscara de vilão nos colegas de equipe que ele considerava mais corruptos do que ele. Agiu de forma ambígua: fez as mais graves ameaças que o governo Lula recebeu – e talvez qualquer outro governo na história do país já tenha enfrentado publicamente – mas protegeu a face do presidente, do líder da equipe. E fez essa defesa com toda a ênfase que seu talento teatral permitiu, usou a dramaticidade para envolver e convencer que eram sinceras suas estratégias de polidez positiva: “*O presidente Lula é um homem honrado*”. Ao mesmo tempo, atacou, ferozmente, José Dirceu, até então homem forte do governo. Diferentemente dos outros políticos, percebe-se a clareza de intenção de destruir o alvo na escolha da estratégia de nomear o ameaçado. Jefferson deu nomes à vítima de sua ameaça e falou diretamente para Dirceu. Sabendo que ele estava assistindo ao depoimento, encarou a câmera da TV, como quem encara o inimigo e disse: “*Dirceu, se você não sair daí rápido, vai fazer réu um homem inocente, que é o presidente Lula. Sai rápido daí, Zé*”. A alternância de uso do nome e do apelido nos vocativos sugeriam a ambigüidade da força da elocução. Afinal era um conselho ou uma acusação? Sugeriam também ambigüamente relações de intimidade ou apontavam para a transformação do todo-poderoso ministro da Casa Civil em um Zé qualquer? Jefferson soube fazer do lança-chamas um espetáculo.

Dilma Roussef, que fez o ataque mais intenso à equipe econômica, ratificou com seu fogo amigo a identidade de dama de ferro. Ancorada no poder de posição como chefe da Casa Civil e no apoio velado do presidente às críticas, Dilma exagerou na diretividade, na exposição pública de um colega: “*Pelo amor de Deus, conta para os russos!*”.

O jeito durão de Dilma contrastou com o estilo suave e polido de Antonio Palocci. O alvo de todos foi também o mais talentoso no modo de responder ao fogo amigo. Não se expôs em críticas públicas, preferindo, na maioria das vezes, o silêncio, o reenquadramento da crítica ou o uso dos porta-vozes. Como argumento de força para fazer Lula tomar seu partido, valeu-se da importância do seu trabalho para o

governo e ameaçou pedir demissão. O episódio Dilma X Palocci cresceu diante da falta de firmeza de Lula para encerrar o conflito.

Gilberto Gil é baiano, artista, tropicalista e nunca foi de brigar com ninguém. Não é um político profissional, não tem intimidade com a cerimônia do poder e defende a liberdade de expressão. E ao se expressar livre das amarras rituais ultrapassou todos os limites da polidez ao dar voz publicamente a um cordel que se referia ao Ministro das Comunicações como “fala bosta”. O incidente ilustra um movimento completo de fogo amigo: Gil lança o Fogo. Hélio Costa contra-ataca. Gil pede desculpas mas Hélio Costa, político de longa carreira, não aceita as desculpas e parte para um novo ataque tanto à identidade pessoal (ao renomeá-lo como Gilberto Vil) quanto à profissional (como ministro era um bom animador de comício).

8.2– A mídia

Lakoff (1973) propõe como regras de polidez: não imponha, dê opções, faça o outro sentir-se bem. A primeira regra, da não imposição, está relacionada à questão da distância social, aplicada sobretudo às situações formais. A terceira regra, ao contrário, está ligada à camaradagem, à supressão ou encurtamento da distância social. Já a segunda regra - dê opções - implica que o falante não seja categórico em afirmações que contenham algum tipo de ameaça à face do outro. A proposta é que através de uma fala hesitante ou dúbia, o falante transfira a decisão, ou a conclusão sobre a ameaça, ao ouvinte. E esta é uma estratégia muito utilizada no fogo amigo, mas ganha complexidade ou perde parte de sua eficácia, em função da intermediação da imprensa. O jornal acaba fazendo a escolha que deveria ser deixada ao ouvinte. Por mais indireto, hesitante ou passível de dupla interpretação que um falante seja ao ameaçar a face do outro, quando a imprensa seleciona esta fala para a manchete de uma página, a opção por uma das interpretações estará irremediavelmente feita. Não importa o quanto o autor tente depois negá-la ou dizer que foi mal interpretado. E esta opção, pelo próprio critério técnico de construção da notícia, será sempre pela interpretação mais radical, mais polêmica, que mais puser lenha na fogueira. Se houve uma coisa que não mudou na imprensa, desde o invento de Gutenberg até a explosão do webjornalismo, é a idéia de que notícia é quando “o homem morde o cachorro”. Então a escolha de significado da fala pela mídia será sempre o mais negativo, o mais problemático, o mais polêmico, o mais inesperado. Quem faz um ato de ameaça à face pela mídia, sobretudo pessoas públicas, políticos experientes, membros do gover-

no, sabe que é assim que vai ser. E talvez até use isso como estratégia, porque sabe que mesmo com reenquadramento e atitudes reparadoras, o golpe deferido, ainda que de forma hesitante ou pouco corajosa, vai atingir o alvo.

O jornal atuaria como mais um elemento a definir o grau de um ato de ameaça à face, colaborando para aumentar a intensidade do ato, mas não necessariamente ou na mesma proporção, o risco de quem o pratica. Em primeiro lugar porque expõe esse ato de ameaça à face para um público relevante não só quantitativamente, como também qualitativamente. Ele faz a ameaça ser testemunhada por um imenso número de pessoas e pelas pessoas que interessam, que decidem, que estão envolvidas no universo dos participantes. Em segundo lugar, porque, entre inúmeros possíveis significados de uma interação, a mídia vai sempre selecionar aquele que aumente o grau de ameaça. E de qualquer forma, o jornal ou o jornalista sempre poderão ser usados para pelo menos dividir com o autor parte da culpa pela ofensa realizada. Daí porque dizermos que o risco para a face do autor não aumenta exatamente na mesma proporção da intensidade da ameaça feita.

8.3- Finalizando...

A amizade no universo político não é necessariamente uma amizade verdadeira, mas antes um arranjo motivado por interesses específicos que pode ser rompido a qualquer momento, quando tais interesses deixarem de existir ou de ser atendidos. O fogo amigo é uma das expressões dessa fragilidade, porque representa uma ruptura momentânea de quem não quer romper definitivamente, mas apenas expressar sua opinião contrária para atacar a face do outro, seja por convicção, seja para reivindicar face para si, seja para deixar o outro fora de face, num contexto de disputa de poder. O fogo amigo político inclui um trabalho de face complexo que implica uma conjugação de práticas de construção e destruição de face, práticas defensivas e protetoras. Através do fogo amigo, alguém ataca a face de uma pessoa, tentando ainda assim salvar a face do grupo. Ao mesmo tempo, o ataque não pode projetar a imagem de alguém ‘infiel, desleal’ ou sem coração. Do mesmo modo, que o autor do fogo deve defender sua face, ele pode explorar o ataque para construir ou ratificar uma face reivindicada, com vistas a interesses futuros.

Em política, o fogo amigo está relacionado aos comportamentos discrepantes de membros de uma equipe, mas o trabalho de face produzido está diretamente associado aos objetivos pessoais. Os atores que fazem parte da equipe governo, ocupam cargos e querem mantê-los – até porque são esses cargos que os credenciam a serem ouvidos pela mídia.

Logo, o que está em jogo não é apenas a performance da equipe, mas também a performance pública de indivíduos, e isso por vezes atropela a cooperação pressuposta para a existência de uma equipe. É nesse tênue limite entre pertencer e não pertencer, ser indivíduo e ser grupo, que reside toda a singularidade do fogo amigo e sua diferenciação de outras formas tradicionais de desaprovação.

Quem faz fogo amigo se coloca numa espécie de corda bamba: apoiado na vara das estratégias lingüísticas, o ator se equilibra ora ameaçando a face do colega, ora reparando essa ameaça, através de elogios e estratégias de indiretividade. Por ser um tipo de ataque que parte de dentro da equipe, ele já nasce modificado por práticas defensivas e protetoras da face. Esse tipo de trabalho de face revela a preocupação do autor com os efeitos produzidos, a sua consciência do risco dessa ação. Quem faz fogo amigo tem que fazer de um modo que não sinalize deslealdade, traição. A equipe, portanto, modela a expressão do fogo. Isso explica o uso reiterado de estratégias de dissimulação da ameaça, pois a própria a face está em perigo. Se por um lado o fogo amigo pode funcionar como um tiro no próprio pé, por outro lado pode implicar uma estratégia poderosa de construção de face. Ao não negar totalmente a intenção de criticar/discordar, o autor do fogo amigo projeta a imagem de independência, de coragem, que está associado ao poder. O comportamento polido/político é condição para produzir e apagar o fogo formalmente, sem anular totalmente seu efeito.

O ataque do fogo amigo não é de fuzil AR 15, não visa matar a vítima. Basta ver que o único exemplo em que isso aconteceu dentre todos os analisados nesse trabalho foi no episódio Roberto Jefferson que – é muito importante enfatizar – não foi um fogo amigo clássico, porque quando Jefferson partiu para o ataque, ele já se sabia sentenciado de morte – a exclusão da equipe do governo Lula. Ainda assim foi um episódio de fundamental importância para entender o trecho da história do país recortado nesse trabalho e a relação do governo Lula com o fogo amigo.

Como procuramos demonstrar, o fogo amigo no contexto da esfera política revela a conjugação de diferentes e opostos trabalho de face: construir/ destruir; ameaçar/reparar. A razão para isso é o fato de o fogo ter que necessariamente partir de alguém que é membro da equipe ameaçada e ser tornado público.

Como ato de ousadia final deste trabalho – que tal como o fogo amigo implica risco e reivindicação de face – gostaríamos de, à luz da clássica fórmula criada por Brown e Levinson (1987) para definir o grau de intensidade de um ato $(W) = D$ (distância social) $+P$ (Poder) $+R$ (risco), propor a necessidade de levarmos em conta uma outra variável. Por termos feito um estudo situado dos trabalhos de face, verificamos que no caso do fogo

amigo a lealdade à equipe se revelou uma variável determinante do ato de ameaça à face. Propomos assim uma quarta variável para ser considerada na avaliação desse ato de ameaça à face: a lealdade presumida entre os participantes. A lealdade é condição de colaboração, de espírito de equipe. Logo, quanto maior for essa lealdade, maior a preocupação com o trabalho de preservação das faces – do ameaçador e do ameaçado.